



Das plataformas aos protocolos: reflexões sobre a visão de Geert Lovink em meio à “extinção” da internet¹

João Pedro Malar²

Resumo expandido Painel Temático

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o estágio atual da internet, as mudanças profundas geradas pelo seu processo de plataformização e caminhos possíveis para uma nova realidade sociotécnica para o digital, e conseqüentemente, a comunicação que é realizada e influenciada por esse ambiente. Para isso, nos baseamos na visão teórica apresentada pelo pesquisador holandês Geert Lovink em torno da ideia de uma “extinção da internet” (2023) e a defesa de uma substituição de plataformas digitais centralizadas por protocolos digitais descentralizados. Buscamos, ainda, conectar a perspectiva do autor com estudos contemporâneos e de referência em termos de reflexões, diagnósticos e proposições para o futuro do digital.

Portanto, o trabalho possui um caráter eminentemente teórico e ensaístico, concatenando diferentes teóricos, referenciais e perspectivas em busca de uma visão propositiva sobre um futuro mais descentralizado, equânime, justo, diverso e democrático para o ambiente digital. A partir dessa postura, o percurso do trabalho segue a própria proposta de Lovink: um diagnóstico para, depois, chegar a caminhos restaurativos possíveis.

Em sua obra mais recente, *Extinção da Internet*, Geert Lovink (2023) parte de um princípio central: a internet imaginada no início do século XXI não se concretizou e, estaria, na prática, morta. A visão do autor contrasta com um otimismo que marcou os estudos do digital naquele período, em que a internet comercial começava a se expandir e seus potenciais começavam a ser explorados e, em certa medida, concretizados.

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático 22 - Plataformas de comunicação e de IA do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Realização Faculdade Cásper Líbero, nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Pesquisador do grupo de pesquisa COM+. E-mail: joaopedromalar@usp.br

Autores como Nicholas Negroponte, Pierre Lévy e Manuel Castells tornaram-se referência na área ao apontar o potencial da internet de servir como um ambiente sociotécnico de democratização, incentivo e proteção da diversidade, fomentador da globalização, desenvolvedor de inteligências coletivas e de “aldeias globais” hiperconectadas, horizontais e descentralizadas (Negroponte, 1995; Castells, 1996; Lévy, 1998). Naquele momento, portanto, o digital era visto como um ambiente impulsionador de uma sociedade “melhor” e “evoluída” na comparação com a sociedade ocidental do final do século XX.

Especificamente na Comunicação, os autores — e outras dezenas de pesquisadores — defendem elementos característicos do digital naquele momento como a descentralização no processo comunicativo, a figura combinada do produtor e consumidor da informação e a perda de hegemonias e controles dos fluxos comunicacionais.

É nesse momento, também, que afloram ideias como a da Cultura da Convergência (Jenkins, 2009), em que os meios “antigos” tenderiam a convergir para o meio digital, dando origem a uma nova cultura centrada em elementos como a participação ativo de antigos consumidores no processo comunicacional e a conexão direta e, em certa medida, individualizada entre os então “receptores” e os “emissores” de informações.

O período que inspirou as proposições e ideias dos autores supracitados era caracterizado por uma realidade e organização da internet consideravelmente diferente da atual. Fóruns e blogs dominavam o digital, buscadores como o Google começavam a aflorar e ganhar espaço e plataformas digitais sociais ainda eram embrionárias, caso do MySpace e do Orkut. E é exatamente partindo dessa comparação que Lovink (2023) afirma que a internet daquele momento não existe mais.

O autor afirma que a internet seria um *pharmakon*: “É tanto tóxica como curativa”, a depender da quantidade a que estamos expostos (Lovink, 2023, p. 32). Diz ainda que, na contemporaneidade, ela seria marcada por uma entropia, excesso de informações, centralização e um viés exploratório e extrativista que resulta no “colapso do circuito bio-info-psíquico sob o peso do acúmulo de crises” (Lovink, 2023, p. 37). Mas o que teria causado essa mudança?

A tese de Geert Lovink, e de múltiplos autores convergentes, é resumida em um fenômeno: a plataformização. Como apontam Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 5), a plataformização é descrita como uma “penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida”.

Desse modo, a visão é que a mudança observada no ambiente digital nas últimas décadas teria como ponto nevrálgico o surgimento, expansão e consolidação das plataformas digitais como ambientes algorítmicos de mediação de uma série de atividades sociais, incluindo a comunicação. Por sua vez, esse fenômeno implica em uma concentração de poder nas mãos das donas dessas plataformas, as *big techs*.

O cenário contemporâneo é marcado, portanto, por uma centralidade das plataformas digitais, que na prática tornaram-se sinônimos da própria internet. Centralidade esta, inclusive, no próprio sistema capitalista contemporâneo. É daí que surgem ideias como o Capitalismo de Vigilância (Zuboff, 2021) ou o Capitalismo de Plataforma (2016). Em comum, os conceitos apontam para uma lógica extrativista e exploratória das plataformas digitais, que empregam uma série de recursos voltados ao vício e controle da atenção (Bentes, 2019) para acumular dados, usuários e, em última instância, capital e poder (Morozov, 2018).

Do ponto de vista acadêmico, Lovink (2023) afirma que o novo cenário digital plataformizado ainda gera uma confusão em relação a perspectivas de futuros, em especial devido a uma nostalgia por um passado não superado. O contexto seria do “fim de uma era de possibilidades e especulações, em que a adaptação não é mais uma opção” (Lovink, 2023, p. 60). Ou seja, as plataformas teriam encerrado “o imaginário coletivo”, diagnóstico também apontado por Cesarino (2022).

Mas a perspectiva do autor holandês é exatamente a de superação desse cenário. Lovink (2023, p. 45) é categórico ao defender que “apesar das derrotas, o tecnossocial mantém seu poder transformador e é tudo menos uma vítima indefesa”. Por isso, ressalta que é preciso pensar em bifurcações, caminhos possíveis para revitalizar o digital e repensar a internet. De um “realismo

de plataformas” e aceitação de que estamos em uma “internet da extinção”, seria possível enxergar, planejar e executar novos caminhos possíveis.

Lovink (2023, p. 63) defende uma “desautomação negantrópica”, ou seja, a criação de arquiteturas sociotécnicas voltadas ao *decrescimento* do volume de dados e informações que circulam no ambiente digital: “Desde o êxodo das redes sociais, o desmantelamento de centros de processamento de dados e o reencaminhamento de cabos de fibra ótica e até mesmo a desativação da Siri e da Alexa” (Lovink, 2023, p. 63).

A tese do autor passa, principalmente, por uma substituição das plataformas digitais por protocolos, em um movimento inverso ao ocorrido nas primeiras décadas do século XXI. Exigindo, porém, um reconhecimento das causas por trás da exata substituição dos protocolos pelas plataformas e da dificuldade dos mesmos de se consolidarem como sistemas sociotécnicos dominantes no digital. É importante destacar, ainda, que o autor não defende uma saída a nível estatal, como a regulação, priorizando uma saída coletiva, social, para o cenário atual.

Ao mesmo tempo, Lovink (2023, p. 65) defende que é necessário “lançar ferramentas que descolonizem, redistribuam valor, conspiram e organizem”, dando direcionamentos possíveis para os novos protocolos defendidos. A afirmação indica a necessidade de reconhecer elementos coloniais, opressivos, extrativistas e concentradores que resultam em elementos como o racismo algorítmico (Silva, 2024) e o Colonialismo de Dados (Cassino, Souza, Silveira, 2021).

Apesar de estarmos em concordância com o autor, defendemos que ainda é necessário aprofundar os debates que emergem da obra de Lovink. Em primeiro lugar, o próprio autor apresenta uma visão pouco específica em torno dos protocolos digitais, das suas características, funcionamento e lógicas e, principalmente, dos caminhos possíveis para que eles possam efetivamente ganhar a escala e aceitação necessárias para a substituição das plataformas digitais.

Em segundo lugar, acreditamos que o abandono de uma saída estatal é contraproducente. Para além da regulação, a superação das plataformas digitais privadas pode sim passar pelo desenvolvimento de protocolos públicos descentralizados. A visão converge com o defendido recentemente por autores como Mazzucato, Eaves e Vasconcellos (2024), que argumentam que

as “infraestruturas públicas digitais” são essenciais para um desenvolvimento social mais sustentável e equânime e guiadas por valores públicos, em oposição às plataformas digitais e seu “norte” em torno de valores privados.

Tomemos como exemplo o cenário do Brasil. Se o país já conta com infraestruturas públicas digitais como o Pix na área de sistemas de pagamentos e o Gov.br na área de informações junto ao poder público, seria realmente impossível defender, ou talvez ainda mais importante, imaginar uma infraestrutura pública digital voltada para a Comunicação?

Em suma, defendemos que Lovink apresenta um diagnóstico e tese essenciais para as reflexões sobre o futuro do digital e a busca por alternativas às plataformas. É preciso, porém, aprofundar, tensionar e desenvolver ainda mais as perspectivas apresentadas pelo autor, em busca de alternativas viáveis que possam contribuir para uma qualificação do debate e estudos da área.

Palavras-chave

Plataformas digitais; Protocolos; Internet; Geert Lovink; Comunicação digital.

Referências

BENTES, A. A gestão algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir. In: POLIDO, F.; ANJOS, L.; BRANDÃO, L. (orgs.). **Políticas, Internet e Sociedade. Belo Horizonte: Instituto de Referência em Internet e Sociedade**, p. 222–235, 2019

CASSINO, J. F.; SOUZA, J.; SILVEIRA, S. A. da. **Colonialismo de Dados: Como Opera a Trincheira Algorítmica na Guerra Neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

CESARINO, L. O mundo do avesso: Verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

EAVES, D.; MAZZUCATO, M.; VASCONCELLOS, B. Digital public infrastructure and public value: What is ‘public’ about DPI?. **Institute for Innovation and Public Purpose**, Working Paper Series, 2024.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola,



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.



1998.

LOVINK, G. **Extinção da Internet**. São Paulo: Editora Funilaria, 2023.

MOROZOV, E. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J.. Plataformização. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020.

SILVA, T. **Racismo algorítmico: Inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc, 2024.

SRNICEK, N. **Platform Capitalism**. Polity, 2016.

ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. São Paulo: Intrínseca, 2021.